



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS

FABIANE BATISTA DE ALMEIDA JUSTINO

MIN E AS MÃOZINHAS: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE
SURDA NA MÍDIA

CAMPINA GRANDE

2019

FABIANE BATISTA DE ALMEIDA JUSTINO

MIN E AS MÃOZINHAS: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE
SURDA NA MÍDIA

Artigo científico apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras-Português.

Orientador: Profº. Drº. Eduardo Onofre

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

J96m Justino, Fabiane Batista de Almeida.
Min e as mãozinhas: uma análise sobre a representatividade surda na mídia [manuscrito] / Fabiane Batista de Almeida. - 2019.

21 p.: Il. Colorido.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Representatividade surda. 2. Mídia. 3. Identidade surda. 4. Cultura surda. I. Título

21. ed. CDD 371.912

FABIANE BATISTA DE ALMEIDA JUSTINO


MIN E AS MÃOZINHAS: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRESENTATIVIDADE
SURDA NA MÍDIA

Artigo científico apresentado ao Curso de Graduação em
Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau
de licenciado em Letras-Português.

APROVADO EM 7/18/2019


Prof.º Dr.º Eduardo Gomes Onofre – UEPB

Orientador


Prof.º Ma. Bruna Tayane da Silva Lima – UEPB

Examinadora



Prof.º Esp. Kledson de Albuquerque Alves

Examinador

À minha família, meu pai Fernando, minha mãe Graça, minhas irmãs Fernanda e Fabrínia, minha filha Manuela e meu esposo Vagno, pilares da minha existência.

À Lila, prima surda, que na minha infância, colocou em meus horizontes o universo da surdez e da língua de sinais.

SUMÁRIO DE IMAGENS

FIGURA 1 E 2: IMAGEM COM A PRESENÇA DE ONOMATOPÉIAS.....	15
FIGURA 3: REAÇÃO DE MIN A UMA ABORDAGEM ORAL-AUDITIVA	15
FIGURA 4: CENA DA ABERTURA DO DESENHO EM QUE MIN DANÇA E BATE PALMAS.....	16
FIGURA 5 E 6: USO DA ILUMINAÇÃO COMO MECANISMO SURDO PARA INTERAGIR... ..	17

SUMÁRIO DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais

INES: Instituto Nacional de Educação de Surdos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. ASPECTOS HISTÓRICOS, IDENTITÁRIOS E CULTURAIS DOS SURDOS	9
ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A VIDA DOS SURDOS.....	9
ASPECTOS IDENTITÁRIOS E CULTURAIS DOS SURDOS	10
2. POR UMA REPRESENTATIVIDADE SURDA.	11
3. METODOLOGIA DO ESTUDO.	13
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO ESTUDO.	14
5. REFLEXÃO FINAL	17
6. NOTAS.....	18
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

RESUMO

A frequência e a forma como os grupos sociais se apresentam nos produtos culturais veiculados na mídia são um reflexo de como as relações de poder se configuram na sociedade, na qual os grupos minoritários tendem a ser desconsiderados ou representados de forma equivocada. Tendo isso em vista, este artigo promove uma reflexão sobre a representatividade surda no primeiro episódio do desenho animado *Min e as mãozinhas*, de Paulo Henrique dos Santos. O desenho animado é o primeiro no Brasil a ter como língua oficial a Libras. A análise do desenho se fundamenta em concepções sobre surdez, identidade e cultura surdas vistas sob a perspectiva da diversidade. Deste modo, este trabalho pretende contribuir na luta pelo reconhecimento e emancipação dos surdos na sociedade.

Palavras-chave: representatividade surda, mídia, identidade e cultura surda.

ABSTRACT

The frequency and how social groups are portrayed in cultural products in the media, become a reflex of how the power relations are developed in society where minority groups are disconsidered or presented in a wrong way. With this central point, this paper aims to promote a reflexion about deaf representativity in the first episode of the animation „*Min e as Mãozinhas*“, By Paulo Henrique dos Santos. The animation is the first one in Brazil which has as official language the Libras (Brazilian Sign Language). The analysis of the animation consists in conceptions about the deafness, identity and deaf culture seen in a diversity perspective. In this way, this paper pretends to contribute in the fight for recognition and emancipation of the deaf in society.

Key words: deaf representativity, media, animation

INTRODUÇÃO

As discussões relativas à surdez, ao surdo e a Libras, têm ganhado espaço, na medida em que algumas políticas de inclusão foram implementadas, como o reconhecimento legal da Libras como língua, o direito do surdo a ter um intérprete nas universidades, a obrigatoriedade de formação nas áreas de licenciatura no ensino superior para surdos, a inclusão da Libras em alguns currículos.

Tais políticas afirmativas, tem se somado a outras iniciativas desvinculadas do governo para articular a luta da comunidade surda¹ em busca do reconhecimento social de suas identidades, culturas e singularidades.

Esse olhar diferenciado para a comunidade surda no Brasil, é relativamente recente e tem buscado desconstruir as representações, crenças e rótulos historicamente estabelecidos pela comunidade ouvinte majoritária acerca dos surdos.

No entanto, as conquistas legais alcançadas pela comunidade surda e, conseqüentemente, uma certa visibilidade social não são suficientes para eliminar preconceitos e demarcar socialmente espaços para as identidades e culturas surdas.

Questões como a acessibilidade e a representatividade dos surdos em diversos segmentos da sociedade ainda precisam ser revistas e atualizadas, pois a participação dos sujeitos surdos nas interações sociais, culturais e econômicas ainda são definidas pela comunidade majoritária ouvinte.

No que diz respeito à representatividade dos surdos em produções culturais veiculadas pelas mídias de massa, tais como filmes, novelas, séries, documentários, desenhos animados, animações, programas de entretenimento e jornalísticos, entre outros, é escassa uma vez que essas produções são maciçamente audiovisuais e seus contextos narrativos e de produção têm como referência a realidade ouvinte.

É em meio a esse cenário, que este trabalho promove uma reflexão sobre a representatividade surda no primeiro episódio do desenho animado Min e as mãozinhas do animador Paulo Henrique dos Santos. Lançado no YouTube dia 26 de setembro de 2018, data marcada pelo dia nacional comemorativo ao surdo, o desenho animado é o primeiro no Brasil a ter como língua oficial a Libras.

Para iniciar a reflexão, será apresentado um breve apanhado histórico sobre as concepções que rotularam por tanto tempo a vida dos surdos e as línguas de sinais. Também haverá uma abordagem acerca das singularidades inerentes aos surdos e suas implicações na formação das identidades e culturas surdas.

No segundo momento, será discutida a questão de como a representatividade surda está se configurando em produções culturais veiculadas pelas mídias de massa, como a TV e a Internet, e como isso pode influenciar tanto na forma como o surdo se vê, quanto na forma como a sociedade concebe o sujeito surdo, visto que as mídias de massa exercem um forte poder de formar opiniões.

Em seguida, com base nas discussões teóricas tecidas, será feita uma análise do desenho em estudo, numa perspectiva qualitativa, na qual se buscará reconhecer o propósito do uso da Libras como língua oficial do desenho em estudo numa dimensão além da linguística, mas também em sua função social.

Por fim, será realizada uma reflexão final acerca da iniciativa de se fazer um desenho em Libras e das possíveis contribuições que a produção irá trazer para as relações entre ouvintes e surdos, para o fortalecimento e divulgação da cultura surda e para a luta por mais representatividade nas diversas esferas sociais.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS, IDENTITÁRIOS E CULTURAIS DOS SURDOS

– Aspectos históricos sobre a vida dos surdos

Ao longo da história, várias foram as concepções sobre a vida dos surdos. Já foram considerados ora como seres enviados pelos deuses, ora como seres castigados ou amaldiçoados. Ainda foram vistos como débeis mentais, criminosos, loucos, selvagens, até comparados aos animais e, portanto, pessoas ineducáveis e incapazes de assumir responsabilidades e possuir direitos (GESSER, 2012).

A instrução formal dos surdos se dava sobretudo em instituições religiosas vistas como única possibilidade de educação dessas pessoas. Mesmo nessas instituições os surdos não tinham seus direitos reconhecidos, pois, em sua grande maioria, proibiam o uso da língua de sinais entre eles, forçando-os a falar e fazer leitura labial por meio de exercícios exaustivos, repetitivos e até sob ameaça de castigos físicos. A escola dava à pedagogia uma dimensão clínica, sendo apenas uma extensão de espaços médico-hospitalares, nos quais o objetivo era corrigir a surdez, vista como anormalidade.

A língua de sinais, por sua vez, já foi considerada exótica e até obscena, pois o surdo, ao sinalizar, expõe demais o corpo. Seu valor linguístico não era reconhecido por acreditar-se que se tratava apenas de mímica, gestos, formas primitivas de comunicação. Até a década de 1960, ainda não tinha sido reconhecido nenhum valor linguístico às línguas de sinais (GESSER, 2009).

A surdez foi e ainda é considerada por muitos sob uma perspectiva negativa, o da anormalidade, da deficiência ou segundo Skliar (2003) como uma espécie de desgraça, um desajuste social e individual, uma vez que o padrão, o normal é ouvir e o que foge disso deve ser corrigido.

As perspectivas ouvintistas² dificultaram pensar em surdez sob outra perspectiva, o da diversidade. Deixaram um legado histórico marcado por discriminação, proibições e imposições por parte da comunidade ouvinte majoritária que impactam a vida dos surdos até os dias de hoje.

No entanto, no cenário atual, percebe-se um movimento de respeito às diferenças, sobretudo, aos direitos das minorias. Nesse sentido, algumas iniciativas e mudanças positivas têm se efetivado na vida dos surdos, mesmo que tardiamente e de forma lenta e gradual.

No Brasil, o reconhecimento legal da Libras como língua oficial dos surdos brasileiros por meio da Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que diz respeito à formação dos profissionais para atuar na educação dos surdos são importantes conquistas da comunidade surda.

A criação destes dispositivos legais foi fundamental para a articulação e fortalecimento da luta surda para ter sua língua, identidade e cultura reconhecidas, pois como bem aponta Garcia (2015. p:79):

O reconhecimento da língua de sinais brasileira como língua (não como simples linguagem) e como primeira língua dos surdos brasileiros, não é somente a aprovação de uma nova modalidade de língua, mas o reconhecimento da cidadania, da identidade, da subjetividade, do realizar-se da pessoa humana surda em manifestar e refletir, segundo sua natureza sensorio-motora, sua cultura.

– Aspectos identitários e culturais dos surdos

A língua de sinais prevaleceu e desenvolveu-se, mesmo diante das diversas tentativas, por parte dos movimentos ouvintistas, de proibi-la entre os surdos. Seu uso, ao longo do tempo, criou mais que uma identificação linguística, possibilitou outras formas de interação, aprendizagem, compreensão, diálogos, que não eram possíveis por meio de uma língua oral, tornando os surdos pessoas constituintes de um grupo com língua, e sobretudo com identidade e cultura próprias.

A língua de sinais, portanto, se configura, como o principal marcador identitário dos surdos por promover atitudes fundamentais para formação da cultura surda, como querer compartilhar informações, desejar estar junto, convergindo dessa forma para uma natural tendência em querer se agrupar em associações para interagir com outros pares surdos. A surdez, a experiência visual, o uso da língua de sinais, sustentam e desenvolvem a cultura surda.

A cultura surda é segundo Strobel:

(...) o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das „almas□ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 22).

Para Quadros (2002, p.:10) a cultura surda é “multifacetada, mas apresenta características que são específicas: ela é visual, traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes.”

Há nesses conceitos uma marca que identifica culturalmente os surdos: a surdez como uma experiência visual. Os surdos concebem e ressignificam o mundo através da visão. Nesses mesmos conceitos há outra informação acerca da cultura surda, ela é multifacetada, plural, pois embora os surdos compartilhem de um mesmo recurso sensorial, a visão, para interagir no mundo, isso não implica em considerá-los como um grupo homogêneo. Tal como os ouvintes, os surdos também têm suas particularidades, suas diferenças étnicas, de gênero, classe social, religião, faixa etária, históricos de ausência ou presença de efeitos da oralização, por exemplo.

A cultura surda, é dotada de singularidades que a tornam própria, mas não única, pois como bem pontua Gesser (2012), as formações culturais e identitárias dos surdos:

Seriam permanentemente refeitas e remodeladas e, portanto, buscariam tanto discriminar especificidades que estabeleçam fronteiras de identificação entre o próprio sujeito e o outro, quanto a obter o reconhecimento dos demais membros dos grupos sociais aos quais pertence. Elas são construídas situacionalmente em tempos e lugares distintos por conta do seu caráter dinâmico, aberto, plural, multifacetado e fluido.

Portanto, conceber a cultura e identidade surda como formações fechadas, estáticas, acabadas, além de ser um equívoco, abre espaços para a construção de preconceitos sociais e para a consequente exclusão dos surdos da sociedade.

Mesmo diante das dificuldades pelas quais os surdos passaram, como a dificuldade em receber instrução formal, a surdez vista e representada como uma anormalidade, a negação e opressão das línguas de sinais, o não (re)conhecimento

dos seus traços culturais e identitários, sua cultura e identidade prevaleceram e se desenvolvem entre nós, pois segundo Skliar (1998) o problema não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas sim as representações dominantes, hegemônicas e ouvintistas sobre essas.

A luta social dos surdos busca, portanto, uma afirmação não somente linguística perante a sociedade majoritária ouvinte, mas também um (re)conhecimento de uma identidade cultural pautada nos valores concebidos por meio do canal visual, visto que é com e através dele que lhes são garantidas a construção de conhecimento de mundo e, sobretudo, a constituição e o fortalecimento de sua autonomia.

Assim como os ouvintes, os surdos devem ser os protagonistas de sua própria história, independente dos contextos sociais e culturais nos quais estejam inseridos.

2. POR UMA REPRESENTATIVIDADE SURDA

O conceito de representatividade vem se propagando e agregando sentidos, na medida em que grupos sociais, que não são ou não se sentem bem representados, tem buscado uma participação efetiva em esferas sociais tais como a mídia, a política, os esportes, o mercado de trabalho, entre outros.

Segundo o dicionário Aurélio, representatividade é a qualidade reconhecida a um homem, a um organismo, mandatado oficialmente por um grupo de pessoas para defender os seus interesses. No entanto, o conceito de representatividade tem, de certa forma, incorporado outros sentidos, como o de se sentir representado por alguém ou por algum movimento reconhecido socialmente, por compartilhar características sejam físicas, comportamentais, socioculturais, econômicas. Enfim, é o sentimento de pertencimento a um grupo reconhecido socialmente.

Nesse sentido, ser visto e reconhecido por meio de um grupo ou de alguém que representa determinada parte da sociedade é fundamental para a construção de uma identidade na qual o indivíduo se sente confortável com suas próprias características. Garcia (2015), sob a perspectiva dos estudos de Prioste acerca do conceito de espelhos-homens³, fala do quanto é fundamental a existência de espelhos-homens surdos reconhecidamente respeitados cuja língua se constrói na modalidade visual-gestual para a construção da identidade linguística de outros pares cuja modalidade linguística é a mesma.

No entanto, mesmo diante dos discursos sobre inclusão e da ampliação dos conceitos sobre surdez, da difusão da língua de sinais e da cultura surda, ainda há uma escassa representação dos surdos em diversos segmentos sociais.

Karnopp (2006) ao analisar a produção cultural surda, sobretudo as literárias, aponta que:

(...) “são escassos, nos contextos escolares, materiais que tematizem a diversidade cultural, tendo em vista a possibilidade de leitura de outros textos, de outras imagens e de outras histórias do que significa ser diferente. Enfim, uma abordagem que possibilite outras representações sobre os surdos”. (160 – 161)

Essa escassez de representatividade surda pode ser observada em outras esferas sociais, além do espaço escolar.

No que diz respeito às mídias de massa como a TV e a Internet, por exemplo, independentemente de como a surdez é retratada, se de forma estereotipada ou não, são raras as representações que têm como referência a realidade surda, pois ainda de acordo com Karnoop (2006):

(...) “o fato é que, há muito tempo, temos, por parte dos surdos, uma luta histórica tentando fazer valer a diferença linguística e cultural que lhes é devida, não somente nos espaços escolares, mas em outros espaços, como na mídia e nos diferentes artefatos culturais. Sabe-se que há a predominância de uma única forma linguística, de uma cultura universal, silenciando as manifestações linguísticas tecidas em outras línguas, como é o caso, inclusive, das narrativas em Libras. (p. 159)

A forma linguística predominante a qual a autora se refere é a compartilhada pelo grupo hegemônico, ou seja, pela comunidade majoritária ouvinte que privilegia a modalidade de língua oral-auditiva em detrimento das demais, como as de modalidade visual-gestual. Isso porque a forma como os surdos foram e ainda são vistos e representados pela comunidade majoritária ouvinte está vinculada à concepção de surdez sob uma perspectiva patológica, na qual é considerada um problema, uma falha, uma imperfeição, uma deficiência. O surdo passa a ser visto de forma subalterna, ou seja, dependente e passivo, e sua identidade e cultura constantemente induzidas a se moldarem pelas perspectivas ouvintistas.

Por isso analisar a forma como a representatividade surda está se configurando nas produções culturais veiculadas em mídias de massa, como a TV e a Internet se faz necessária, uma vez que implica na análise de como a sociedade está concebendo a comunidade surda.

É notório perceber que a programação da TV aberta e fechada é maciçamente constituída de produções culturais audiovisuais. Isso também pode ser observado na Internet. No YouTube, popular site de compartilhamento de vídeos, por exemplo, 80% dos conteúdos que irão circular até 2020 serão audiovisuais⁴.

Diante desse cenário, os surdos tornam-se espectadores das produções culturais ouvintes veiculadas pela TV e Internet por meio de recursos como o *closed caption* (legenda oculta) ou pela janela de Libras. No entanto, a acessibilidade fica comprometida, pois nem todo surdo domina a Língua Portuguesa escrita, assim como poucos são os programas que utilizam o recurso da janela da Libras para transmitir o conteúdo seja informativo ou de entretenimento.

Se a acessibilidade não é satisfatória para os surdos, menos ainda é a representatividade destes nos meios de comunicação. Poucas são as iniciativas que buscam a inclusão dos surdos por meio da representatividade em produções culturais, nas quais haja uma abordagem do universo surdo e principalmente contemplando as singularidades constituintes das identidades e culturas surdas.

Essas dificuldades de acessibilidade e sobretudo a pouca representatividade nas mídias de massa, podem influenciar na constituição da identidade surda, porque:

A construção da identidade, de um modo geral, se dá a partir da representação. Quando um determinado grupo social é representado na mídia, este conseqüentemente, adquire reconhecimento. O senso comum, inúmeras vezes, percebe o que está na mídia como verdadeiro e incontestável, pois provém de um discurso que “sabe”, que “investiga” aquilo

que torna público. Consequentemente, este discurso detém o poder de formar opiniões sobre o que se escreve ou apresenta (Silveira, 2008, p:2).

Nesse sentido, a representatividade nas mídias de massa reflete a forma como determinados grupos são preteridos ou evidenciados pela sociedade, na medida em que é forjada segundo as relações de poder entre grupos dominantes e minoritários.

A ênfase numa representação da cultura dominante e centralizadora, como no caso da comunidade majoritária ouvinte, pode contribuir para o desconhecimento dos processos e produtos culturais gerados pelos surdos, como a língua de sinais, as situações cotidianas, o significado de suas lutas, os costumes, as situações bilíngues, suas produções culturais. Tal desconhecimento, pode gerar visões deturpadas acerca dos sujeitos surdos e reforçar ainda mais o processo de exclusão destes.

No entanto, na contramão do desconhecimento e da maior parte das crenças acerca dos surdos, pode-se dizer que o momento é positivo para a comunidade surda, já que muitas conquistas foram alcançadas como a oficialização da Libras, o direito do surdo a ter um intérprete nas universidades, a obrigatoriedade de formação nas áreas de licenciatura no ensino superior para surdos, a inclusão da Libras em alguns currículos.

Tais conquistas têm se desdobrado em iniciativas que buscam promover a projeção social das manifestações culturais e identitárias dos surdos.

Um bom exemplo é a TV INES, um canal Web, concebido por uma parceria entre o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e a TV Escola/Roquette Pinto Comunicação Educativa, que traz uma grade de programação completamente bilíngue desenvolvida por uma equipe de profissionais surdos, ouvintes, tradutores intérpretes e profissionais do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Em sua programação, não há somente a preocupação com a acessibilidade, mas também com a participação dos surdos no desenvolvimento das produções em todas as suas etapas. Embora seja o único canal brasileiro a ter essa proposta, aparece como uma alternativa em meio ao domínio da sociedade ouvinte no que diz respeito às mídias.

É diante deste cenário e dos conceitos relativos à surdez, à identidade e cultura surdas aqui discutidos que este trabalho se propõe a fazer uma reflexão sobre a representatividade surda nas mídias de massa, tendo como referência o desenho Min e as mãozinhas de Paulo Henrique dos Santos, por ser o primeiro desenho brasileiro em Libras.

3. METODOLOGIA DO ESTUDO

Este trabalho buscou refletir sobre como está se configurando a representatividade surda nas produções culturais veiculadas pelas mídias de massa, como a TV e a Internet, assim como as implicações que a ausência/presença de representatividade surda nesses meios pode trazer tanto para a vida do surdo quanto para as relações entre estes e os ouvintes.

O estudo teve como objeto de análise o primeiro episódio do desenho Min e as mãozinhas do animador Paulo Henrique dos Santos. A escolha do desenho como objeto de estudo se deve ao fato de ser o primeiro desenho brasileiro que tem como língua oficial a Libras.

A análise assumiu um caráter essencialmente qualitativo, visto que por se tratar de uma produção sociocultural as possibilidades de análise são inúmeras se forem considerados os diversos campos de conhecimento.

O estudo se fundamentou em ideias e pressupostos de teóricos que apresentam significativos estudos na área da surdez, sobretudo no que diz respeito aos aspectos culturais e identitários dos surdos, tais como Ronice Muller Quadros, Lodenir Karnopp, Carlos Skliar, Audrei Gesser, entre outros que já produziram trabalhos pertinentes a este estudo.

O método de pesquisa escolhido favoreceu uma liberdade na análise de se nortear por diversos conceitos e gerar algumas reflexões que não se configuram como uma resposta para a problematização apresentada, mas como uma reflexão.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO ESTUDO

O desenho Min e as mãozinhas é uma criação de Paulo Henrique dos Santos que já participou da produção de desenhos como Turma da Mônica e Sítio do Picapau Amarelo. Em entrevista⁵, o animador explicou que a iniciativa de fazer um desenho em Libras surgiu de experiências vivenciadas por ele. Em uma delas, relata que estava à mesa e queria um saleiro que estava na frente de uma moça surda e não tinha ideia de como interagir com ela, tanto para chamar a atenção quanto para realmente pedir o sal. Ao se dar conta de seu desconhecimento e despreparo para interagir com um surdo, pensou num projeto que pudesse ter a Libras como língua oficial. Também esclareceu que escolheu as crianças como público-alvo, por ser uma fase interessante para se assimilar novas culturas e realidades.

O projeto do desenho contou com a participação de professores e intérpretes de Libras.

Lançado no YouTube, no dia 26 de setembro de 2018, data marcada pelo dia nacional do surdo, o desenho tem, segundo o seu autor, o conteúdo voltado para crianças de três a seis anos e tem o objetivo de educar e apontar que as crianças surdas também se divertem e têm as mesmas necessidades daquelas com a audição preservada. Cada episódio tem a proposta de ensinar cinco sinais em Libras.

Até o momento, foram produzidos e lançados no YouTube, dois episódios dos treze que o autor deseja produzir para a primeira temporada. O autor busca recursos para o financiamento dos outros episódios por meio de patrocínios, financiamento coletivo e pensa em disponibilizar em DVD por um preço acessível e oferecer a canais de TV e a quem mais possa se interessar pela exibição do desenho.

O primeiro episódio do desenho tem a duração de aproximadamente 8 minutos e 25 segundos. Nele, Min é uma garota surda que domina a Libras, e gosta de se aventurar com seu amigo Esquilo, que é muito agitado e está aprendendo Libras com a amiga. Nesse episódio, Esquilo pede ajuda a Min para descobrir de quem são algumas pegadas encontradas por ele. Durante essa aventura, interagem com outros personagens, todos animais, que não conseguem se comunicar direito com Min por causa das línguas diferentes, pois cada um tem a sua, o gato fala “gatês”, o elefante fala “elefantês”, e assim também acontece com os demais.

Figura 1 e 2 – Imagem com a presença de onomatopeia



Fonte: Min e as mãozinhas, 2018

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo>

Quando cada animal tenta cumprimentar Min, está diz não entender e então o Esquilo explica que para falar com ela há uma forma diferente. Min e o Esquilo começam a ensinar alguns sinais aos animais e a comunicação começa a acontecer. Esse momento é bastante significativo por apresentar o despertar para a consciência de quem é o *outro* e mostrar possibilidades de aprendizagem que só a participação em um grupo heterogêneo pode gerar.

Figura 3 – Reação de Min a uma abordagem oral-auditiva



Fonte: Min e as mãozinhas, 2018

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo>

O desenho é todo sinalizado em Libras, mas alguns recursos sonoros aparecem, como o uso de músicas instrumentais, tanto na abertura quanto no decorrer do desenho, além dos sons emitidos por cada animal. Há também a presença de onomatopeias que surgem escritas nas cenas quando os sons a que se referem são emitidos.

Na abertura do desenho, Min dança e bate palmas. Pode parecer estranho, mas os surdos percebem a música e o ritmo de outra maneira, através das vibrações, da observação da movimentação das outras pessoas, do contato corporal

com alguém que também está dançando. Tal como os ouvintes, os surdos distinguem ritmos e gêneros musicais

Figura 4 – Cena da abertura do desenho em que Min dança e bate palmas



Fonte: Min e as mãozinhas, 2018

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo>

A presença desses recursos, próprios do universo ouvinte, antes de ser interpretada como uma ameaça a proposta do desenho por ser destinado a um público surdo, pode ser interpretada como um diálogo entre sistemas linguísticos diferentes, pois no desenho há a participação de uma personagem surda e outros ouvintes. Isso também pode favorecer o interesse de crianças ouvintes em assistir ao desenho. Essa coabitação de linguagens, portanto, pode favorecer positivamente o desenvolvimento das relações interpessoais e intrapessoais na medida em que possibilita aprender com as diferenças.

A motivação para a ocorrência de marcas próprias do universo ouvinte no desenho não o torna menos surdo. O uso dessa forma híbrida pode ser entendido como um movimento de aproximar os ouvintes para iniciar o contato e a aprendizagem da Libras.

Percebe-se ao longo do desenho que há um cuidado em não somente apresentar os diálogos em Libras, mas também em mostrar alguns comportamentos e mecanismos próprios de uma experiência visual para interagir no mundo, como o uso da iluminação para chamar a atenção, por exemplo. Em uma das cenas, Min está na casa da árvore distraída brincando com o que parece ser um celular ou tablet, o Esquilo bate na janela algumas vezes para chamar a atenção de Min que continua sem perceber a presença do Esquilo na janela. Mas quando o mecanismo de fazer a luz piscar é acionado, logo Min percebe que está sendo chamada.

Figuras 5 e 6: Uso da iluminação como mecanismo surdo para interagir



Fonte: Min e as mãozinhas, 2018

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo>

Outra cena retrata uma particularidade da cultura surda, dar sinais correspondentes a traços físicos para nomear pessoas surdas ou ouvintes. No desenho, Min cria um sinal para cada animal. Ao perguntarem o seu nome, Min usa a datilologia para soletrá-lo.

No decorrer do desenho, nota-se uma preocupação em usar a língua de sinais em um contexto significativo, pois ao entrelaçar uma proposta metalinguística a uma narrativa simples de aventura, une, portanto, ensino e entretenimento.

Ao permitir a coabitação das culturas ouvinte e surda, o desenho configura-se como um espaço significativo para o exercício da alteridade. Por possibilitar a interação entre realidades linguísticas diferentes e favorecer um ambiente para diferentes aprendizados.

O desenho, portanto, inaugura o protagonismo da pessoa surda nesse tipo de produto cultural e abre caminhos para uma maior e melhor representatividade surda na mídia.

REFLEXÃO FINAL

As imposições históricas, culturais e sociais da comunidade majoritária ouvinte contribuíram para o desconhecimento dos processos que constituem as identidades e culturas surdas. Tal desconhecimento promoveu concepções deturpadas acerca dos sujeitos surdos e reforçou ainda mais o processo de exclusão destes.

Deste modo, a falta de representatividade surda em produções culturais veiculadas pelas mídias de massa não pode ser tomada como arbitrária, mas como um reflexo da hegemonia cultural ouvinte.

Essa ausência de representatividade surda na mídia, pode produzir efeitos negativos para a aproximação desses dois mundos mutuamente desconhecidos: o ouvinte e o surdo.

No entanto, o paradigma da normalidade ouvinte que desconsidera as culturas e identidades construídas numa modalidade linguística diferente, a visual-gestual, começa a se diluir aos poucos na medida em que políticas e iniciativas afirmativas têm sido instauradas por meio de novas formas de conceber a pessoa surda.

É em meio a esse cenário positivo que o desenho Min e as mãozinhas, idealizado pelo animador Paulo Henrique dos Santos, surge como uma intervenção cultural cuja proposta inclusiva aposta na alteridade como forma de representar a

surdez, visto que em sua narrativa encontram-se entrelaçadas as experiências da vida surda e da ouvinte numa convivência harmônica de descobertas e aprendizagem sobre o outro.

A receptividade do desenho pode se configurar de diferentes formas, mas apenas sua existência já abre espaço para, não somente pontuar a favor dos surdos na luta por mais representatividade na mídia, mas também para pôr em pauta as discussões acerca da surdez, dos surdos, da Libras na vida das pessoas.

Quanto mais iniciativas como esta surgirem, mas as diferenças serão compreendidas entre ouvintes e surdos, estando estes últimos no caminho para uma verdadeira emancipação e a sociedade como um todo estará rumo a um progresso humano.

NOTAS:

1. A comunidade surda não pode ser compreendida apenas como grupos de pessoas surdas, mas também como as famílias, amigos e professores, enfim todos que estão envolvidos na luta surda pela defesa da língua de sinais e do reconhecimento da identidade e cultura surda.
2. Palavra derivada do termo ouvintismo “conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo é obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (Skliar, 1998:2015)
3. Conceito que apresenta o homem como um indivíduo que se estabelece por meio de espelhos homens sociais.
4. Disponível em: <https://entrecultura.com.br/2018/10/08/conheca-min-e-as-maozinhas-primeiro-desenho-animado-brasileiro-totalmente-em-libras/>. Acesso em: 19 de jul. 2019.
5. Disponível em: <http://blog.handtalk.me/representatividade-pcds/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GARCIA, Eduardo de Campos. O que todo pedagogo precisa saber sobre libras: os principais aspectos e a importância da língua brasileira de sinais. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER, Audrei. O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções Culturais de Surdos: análise da literatura surda. Cadernos /de Educação, Pelotas, 2010. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ah_UKEwi5pLzehunjAhVEJ7kGHX_OB4oQFjAAegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufpel.edu.br%2Fois%2Findex.php%2Fcaduc%2Farticle%2Fdownload%2F1605%2F1488&usq=AOvVaw2_Tz2ePkpZ8eNHaLYL6SQg Acesso em: 18 jul. 2019.

QUADROS, R. M. O tradutor e intérprete da língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial – programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/18597057/tradutor-e-interprete-da-lingua-brasileira-de-sinais-e-lingua-portuguesa> Acesso em: 09/07/2019

SANTOS, Paulo Henrique. Min e as mãozinhas, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo>

SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, C. (Org). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C. B. (2001). Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos, in SILVA, S. & VIZIM, M. (orgs.) Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados. São Paulo: Mercado de Letras, pp. 85-110.

Significado de Representatividade. Dicionário do Aurélio Online, 2019. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/representatividade>. Acesso em: 09 de jul. de 2019.

SILVEIRA, C.H. Representação de surdos/as matérias de jornais e revistas brasileiras. Revista Centro de educação. Santa Maria, 2008, Vol 33, n 01. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2008/01/a11.htm>. Acesso em: 20 de jul. de 2019.

STROBEL, Karin L. Surdos: vestígios culturais não registrados na história. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em:

<http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/karinstrobel.pdf>.
Acesso em: 09/07/2019

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções Culturais de Surdos: análise da literatura surda. Cadernos de Educação, Pelotas, 2010. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwi5pLzehunjAhVEJ7kGHX_OB4oQFjAAegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufpel.edu.br%2Fojs2%2Findex.php%2Fcaduc%2Farticle%2Fdownload%2F1605%2F1488&usg=AOvVaw2_Tz2ePkpZ8eNHLYL6SQg Acesso em: 18 jul. 2019.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Fernando e Graça, por desde cedo compartilhar de forma prazerosa a leitura no cotidiano familiar e por sempre conduzir o meu olhar para as diferentes realidades da vida, minha eterna admiração.

As minhas irmãs, Fernanda e Fabrícia, parceiras em tudo que faço com o apoio, o incentivo, a ajuda incondicional e a compreensão nos momentos de adversidade.

Aos meus avós, Sebastião, Antônia, Ângela e Joaquim, por terem me ensinado com suas posturas simples e doces a acolher *o outro*.

Ao meu cunhado Guiga, um irmão que a vida me deu, por sua ajuda sempre.

À minha filha, Manuela, por ser a força que move meus projetos e por alimentar minha vida com amor e aprendizagem.

Ao meu esposo, Vagno, pela paciência e apoio em todos os momentos.

A todos os professores que participaram de minha formação e nos quais me espelhei para a escolha de minha profissão de coração.

Ao meu orientador, Eduardo Onofre, por me estender a mão no momento mais importante de minha formação acadêmica. Entre suas qualidades estão a empatia e a serenidade.

Ao meu amigo, Joseilton Belarmino, que antes de ter partido prematuramente compartilhou comigo leituras e conversas as quais jamais esquecerei.

À espiritualidade por acompanhar minha evolução no plano terrestre e colocar em meu caminho as pessoas e experiências necessárias ao meu crescimento espiritual.